

PINTURA MODERNA (*)

Os amadores de pintura têm estado de parabens em São Paulo, embora os pintores não possam mostrar o mesmo otimismo. Porque muito fazem os artistas pelo público paulistano e bem pouco recebem em recompensa. Pequeno é o número de quadros vendidos e não se sabe da existencia de qualquer apoio oficial aos expositores.

A ausencia de um museu de arte moderna faz-se duramente sentir. Se existisse na nossa capital, a exemplo do que ocorre em quasi todos os países civilizados do mundo, talvez não ficasse sem registo permanente o esforço notavel dos pintores e escultores da atual geração brasileira. Em verdade ao Departamento de Cultura cabe organiza-lo e é de esperar que não abandone uma iniciativa tão util, de tão

(*) — Comentaríos ao II Salão de Maio e ao Salão do Sindicato dos Artistas Plasticos, de 1938.

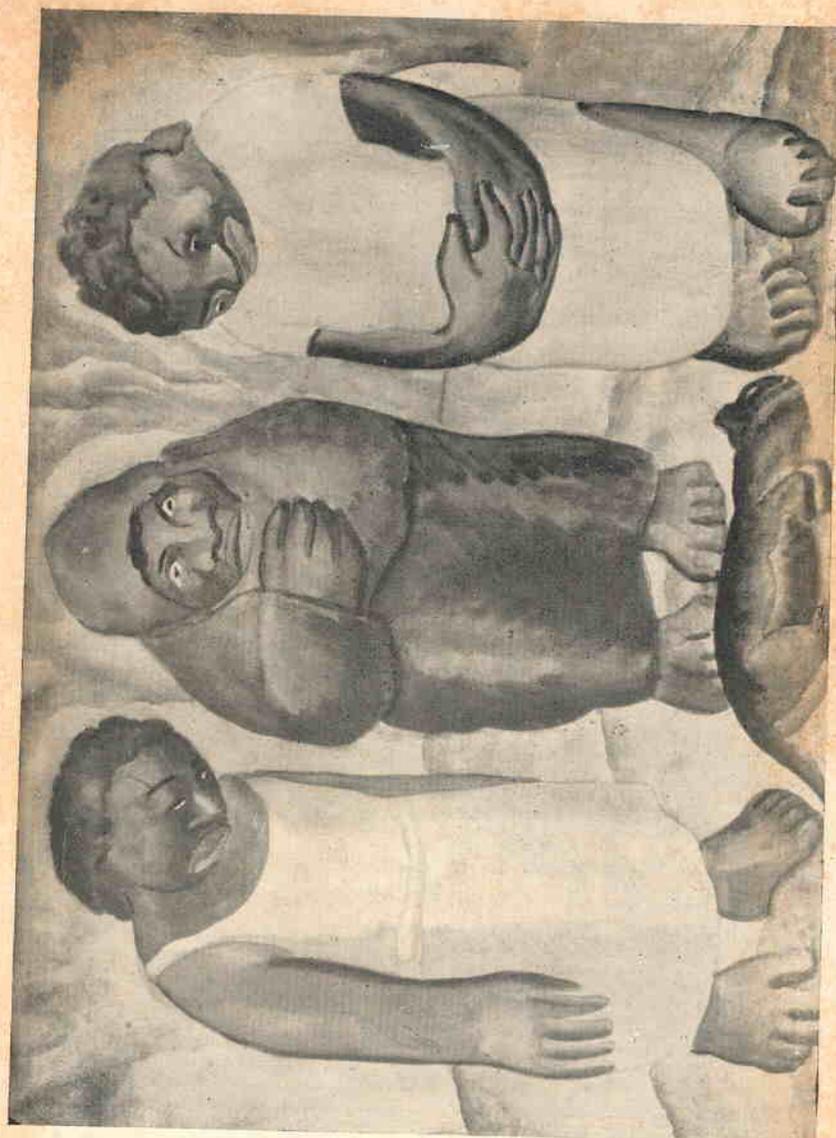
*Sens que
o qual é de
tudo a mais*

grande valor cultural e educativo que só pode merecer o aplauso de quantos se interessem pelo desenvolvimento das artes entre nós.

Enquanto não se cria o museu, enquanto não se realiza o sonho, temos que contentar-nos com as manifestações coletivas que tentam fixar á custa de muito sacrificio, sem recompensa, sem apoio e até sem publicidade, os melhores momentos das artes plasticas nacionais.

Não é da minha alçada levantar o balanço dos valores que expõem no Salão de Maio ou nos outros salões de arte moderna. Não sou critico oficial de arte para abalançar-me a censurar tal ou qual tendencia, essa ou aquela tecnica. O que me induz a comentar a pintura moderna é o fato dela representar um estado de espirito que é o estado de espirito do nosso século: contraditorio, doloroso e alegre, materialista e místico, desabusado e construtivo.

O que me comove na pintura moderna é a inquietação inteligente diante do mundo, em contraste com a pacata satisfação das artes oficializadas. Ela está cheia de incongruencias, de malogros e de ideias, como nós mesmos e como a vida. Para bem compreende-la é preciso ter nascido com o século XX. Ao homem feliz da Exposição Universal de 1899, escapa todo o sentido aspero e antiliterario da arte moderna. Para o individualista dessa idade geologica, a face social e populista das manifestações artisticas



Gato morto

Aquarela de A. Gornide

de hoje parece um sacrilegio, um crime de lesa bom gosto. Quando muito lhe é possível entender as deliquescências adoráveis das impressionistas, mas as deformações expressivas, os volumes monstruosos, duros, monumentais, o colorido angustiado, são, para sua inteligência por demais raciocinante, uma linguagem esotérica. E' que as preocupações humanas já não são as que ele conheceu e aprendeu a respeitar, mas justamente aquelas que lhe apontaram como desprezíveis e indignas de uma mentalidade superior. O homem feliz do século XIX teve por ideal o gozo, porque lhe deram sossego material e moral. Seus problemas foram psicologicos mais do que economicos e sociais, por isso a arte de seu tempo refletiu nuances e sutilezas, ideias e sentimentos. Foi um embelezamento da vida, uma imagem do desejavel.

Com a falencia da organização individualista outros problemas se colocaram diante de nós. Nasceram e amadureceram conflitos profundos: liberdade e igualdade, alfabetização e cultura, maltusianismo e desemprego, superprodução e subconsumo, riqueza e miseria. A vida revelou-se em toda a sua aspereza. A arte também tinha que sofrer a influencia das mutações. Ela espelha agora exatamente toda essa tragedia que vivemos, toda essa anarquia de época de transição, em que se vislumbram de quando em vez alguns ensaios construtivos.

Numa das excelentes conferencias pronunciadas no Salão de Maio, o professor Jean Maugué analisou com muita felicidade essa característica da arte moderna e acentuou também as tendências filosóficas e científicas que procura assimilar. Poucos dias depois, outro conferencista, sr. Roger Bastide, ressaltava o eterno misticismo da arte e se estendia longamente sobre a ansia de Deus, a pesquisa do divino a que se entrega todo artista. Ambos têm razão. A arte como toda manifestação do pensamento humano reflete a sua época, não só no que esta tem de estatico como também no que apresenta de dinamico. Em outras palavras poderíamos dizer que existe em toda obra de arte um aspecto fixador e outro revelador, um que constata a realidade e outro que aspira a um ideal. Hoje a realidade é a anarquia e a aspiração o "bem" em lugar do "belo".

Não estou fazendo filosofia barata, em que pesem as apparencias. Ser-me-ia facil documentar o que venho afirmando com as obras dos maiores pintores e escultores da actualidade. E isso seria tanto mais simples quanto numerosos pintores modernos escrevem admiravelmente, sabem o que querem e o que combatem.

Fiquemos em São Paulo e com a prata de casa. Uma rapida visita aos salões em apreço basta para convencer. Mas é preciso que o visitante se coloque diante do quadro como Descartes se colocou diante

da verdade, abstraindo todas as convenções anteriores. E, de posse dessa inocência artística, olhe, examine, sinta.

Só então compreenderá o amador que todas essas télas nada têm de comico, salvo uma ou outra intencionalmente, que esses homens que as pintaram também não se hospedam no Juqueri, que a arte não se limita á copia da natureza mas é paralela á natureza e que para um retrato "bem parecido" existem excelentes fotografos.

Se o visitante começar pelo Salão de Maio, logo de entrada terá que fazer um grande esforço, logo de inicio terá que pôr á prova toda a sua capacidade de compreensão. E' que, perto da porta, estão justamente expostos os quadros surrealistas dos pintores ingleses. Mas lembre-se o visitante de Freud e das suas teorias tão claras e imagine alguém que em vez de descrever um sonho o pintasse. Com todos os seus aparentes absurdos e o seu profundo simbolismo. E vencido, com distinção talvez, o primeiro passo, continue sem susto.

Se lhe agradar a pintura social pare diante das xilogravuras mexicanas e de Livio Abrano ou Oswaldo Goeldi, contemple o grande quadro de Segall, tão cheio de angustia, as aquarelas fortes de Mohaly, o "14 de Maio" de Andrade Filho, certos óleos de Di Cavalcanti. Se preferir a etnografia ou o folclore, examine os trabalhos de Guignard, de Teruz, de Luiz

Soares, de Paulo Werneck, todos eles inspirados nos costumes dos negros e mulatos brasileiros. Mas nem toda a pintura moderna assenta em preocupações tão intelectualistas. Assim a pequenina tela que Segall intitulou "Primavera" com tanto ritmo e tanta suavidade, assim os cavalos de Quirino, rinchando na imensa planície verde, as paisagens de profundos horizontes de Odete de Freitas, de um colorido emba-lador, transparentes, frescas, ondulantes ao infinito, assim as "gouaches" gostosas de Vitorio Gobbis. E se o visitante tiver um espirito religioso ha de parar tambem diante da aquarela intitulada "Gato morto", de Gomide, para comover-se com a presença de Deus na contemplação mística das suas três negras tortu-radas.

E já então familiarizado com a ausencia de li-teratura, na arte moderna, com a expressão crúa, com as pesquisas de equilibrio, de volumes e valores, será recomendavel que deite um olhar demorado em cer-tas flores de Volpi, numa paisagem humilde e lerdá de Rebolo, no retrato de Jorge Amado com suas mãos de cangaceiro, de Quirino, naquele nú que Car-los Prado chamou de "Tranquilidade", nas telas-poe-mas de Cicero Dias ou no retrato do arquiteto Botti, de Brecheret, para que compreenda toda pureza de intenção e realização da arte moderna.

Agora uma observação de artista bem mais ele-ucidativa do que qualquer comentario sabido. Mostran-

na a a
na dos
neon que
astah
the us

de
G
m
pa
es
ar
gr
co
pos
ap
jet
ten
e n
de
da
jeç
se
aut
ang
mai
ress
blic
can

do a meu amigo Gobbis uma aquarela da autoria de G. Pacheco, menino de 12 anos e de um temperamento notavel, ouvi-o responder: "Pois é, a gente passa a vida inteira estudando para conseguir o que essa criança consegue de cara".

No fundo é isso mesmo. Porque a verdadeira arte está na pureza de intenção e de expressão. E o grande artista é aquele que a sabença esperta não contaminou.

*

* *

Tão singelos comentarios têm-me valido descomposturas e aplausos. De arte todos entendem... A apreciação critica não pode evadir-se do campo subjetivo e de nada adianta explicar teorias ou justificar tendencias. O amator de arte julga com o coração e não com o cerebro, por isso mesmo o seu juizo é de amor ou odio, apresenta todas as características da paixão, a qual não aceita reparos nem deseja objeções. Diante de uma obra de arte, o amator não se sujeita a colocar-se dentro do ponto de vista do autor; exige, ao contrario, do pintor ou escultor, um angulo de visão identico ao seu. Daí ser o artista mais vendavel, mas tambem o mais vulgar e desinteressante, aquele que se submete ao criterio do público. A verdadeira personalidade artistica foge aos canones acumulados pelas tradições e só obedece aos

*Esta é a
alma dos
artistas que
se guiam
pela
alma.*

*No Coração e
Permanência
do artista com
seu universo*

imperativos de sua humanidade própria. Por isso ainda, embora seja a arte uma manifestação eminentemente social, é o artista o menos gregário de todos os homens. Ao contrario do politico, para o qual a boa norma reside na satisfação da turba, o artista tende á realização de si proprio. Aquele obedece ás injunções da maioria e lhe concretiza as aspirações, este, fiel a seu talento, arranca da mediocridade o burguês satisfeito. O bom politico é aquele que tranquiliza, que dá estabilidade e confiança; o verdadeiro artista é o que inquieta o público, forçando-o a uma revisão de conceitos.

Estas ideias gerais têm a inconveniencia de chocar o público e não entusiasmar tão pouco os artistas, porque estes, por efeito de um desses paradoxos que já não passam hoje de truismos, querem apenas ser burgueses.

Ha mais, porém. Ha os que, embora aceitando a doutrina de meus comentarios, não concordam com os exemplos e vêm na minha attitude uma certa "apologia do Salão de Maio" em prejuizo dos que expõem alhures. Reconheço a essa censura bem intencionada boa parte de razão. E' necessario no entanto não olvidar que não pretendo, de modo algum, arrogar-me o direito de classificar obras expostas aqui ou acolá. Se comento o Salão de Maio, de preferencia, é porque me parece mais plenamente representativo da tese que eu defendo. Não vai nisso nenhuma cumplicidade,

Responsabilidade
a arte e o artista
ter.

tanto assim que nem sequer aludi ainda ás aquarelas de Flavio de Carvalho, de minha inteira predileção. Não houvesse, porém, o Salão de Maio e eu me cingiria á análise de outras exposições, como a do Sindicato, por exemplo, onde, lado a lado, figuram nomes acatados pelo grande público, egressos das escolas mais ousadas e até pintores do proprio Salão de Maio. E' que o Sindicato não representa um estado de espirito, mas tão somente uma organização de classe. Seu salão não pretende a uma manifestação de tendencias; é um mostruario de obras sem parentesco. O Salão de Maio permite restringir-me a ideias gerais, digressões mais ou menos literarias ao alcance de um leigo, comentarios filosoficos e interpretações sociologicas. O Salão do Sindicato exige a palavra do critico de arte. Bem mais modesto que o outro, revela-nos inquietações prometedoras em immediato paralelo com mediocridades desesperantes, o que dificulta uma apreciação de conjunto. O contraste entre as duas artes, a boa e a ruim, ali se evidencia vigorosamente; ascensões tecnicas juxtapõem-se a melancolicas decadencias, numa grande heterogenidade de valores. Ha de tudo no Salão do Sindicato...

Mas se não me compete censurar, nem me apraz apontar fraquezas, nada me impede de admirar. Um desenho de Bonadei, por exemplo, é, sem duvida, sempre mais do que uma promessa. Já o descobrira na exposição da "Familia Paulista", e verifiquei que

continua a impressionar fundamente, pelo traço vigoroso e seguro, o movimento decidido, a capacidade de síntese, o classicismo renovado do temperamento. A honestidade e a convicção plástica de Reboló agradam sobremodo. A força concentrada de um Volpi, o equilíbrio, a sobriedade de composição e o colorido de um Waldemar da Costa, a desenvoltura de um Figueira, a timidez de um Mario Pacheco, as pesquisas inteligentes de um Andrade Filho, o realismo de um Clovis Graciano, são valores que merecem registo, porque dignificam a arte de S. Paulo.

Os tempos andam difíceis para os artistas, principalmente para os que são honestos e intransigentes. O mundo moderno reserva-lhes um lugar ao sol dia a dia menor. O ruído dos tambores cobre a melodia das flautas. A publicidade do crime e dos escândalos enche as colunas dos jornais de todos os países e o espaço precioso que se reservava ao espírito diminui assustadoramente. As preocupações culturais são relegadas para um plano secundário, sob o pretexto de dar aos problemas económicos e sociais da época a atenção de que carecem, como se não houvesse equivalência de importância. O tecnicismo mais rudimentar, de par com a mais deslavada demagogia, dominam a vida contemporânea, num revide monstruoso da incultura contra a inteligência.

Os artistas estão por baixo... Por isso mesmo reconforta deparar, numa hora dessas e numa das ca-

pitais de mais humilde reputação intellectual, tantas manifestações desinteressadas do espirito. O renascimento das preocupações artisticas nestes dois ultimos anos, expresso na resurreição dos poetas, no exito dos concursos musicais do Departamento de Cultura, nas inumeras exposições de pintores e esculptores, na multiplicidade de ensaios de folclore e etnografia publicados, são sintomas de boa reacção fisiologica. Se considerarmos ainda que as ciencias puras tambem vêm encontrando ambiente favoravel entre nós e os metodos de estudo obedecendo, cada vez mais, a uma orientação objectiva e apolitica, não será de um optimismo muito discutivel conservarmos certa confiança na saúde de nosso organismo.

Pacientes portanto os artistas e continuam a trabalhar sem concessões em prol da arte verdadeira. Nem só de pão vive o homem, ou de café, açúcar, mandioca, radio, telegrafos e telefones. O homem tambem vive de satisfações intimas, de ideias e de arte, aspirações e necessidades essas que nada jamais ha de sufocar. Já se disse e repetiu que só o espirito não morre; renasce indefinidamente das proprias cinzas das civilizações destruidas. E isso que foi dito e redito, melhor o exprimiu um grande pintor, Franz Masserell, num livro de xilografuras admiraveis intitulado "Nascimento da ideia". Sob o aspecto de uma linda mulher, a ideia brota do cerebro do poeta e se evade mundo afora em busca de aventuras: cresce,

aperfeiçoa-se, infiltra-se por toda parte, influindo até nas realizações materiais mais mezinhas. A linda criatura entrega-se a todos os amantes; adoram-na em altares e por ela milhares de apaixonados se sacrificam. Mas é também perseguida implacavelmente, torturada, deformada, ridicularizada. Envelhece afinal. Seu proprio criador já não a reconhece. Vai morrer para alegria dos seus contemptores e desanimo de seus adeptos, mas — milagre — eis que de sua propria decomposição nascem outras ideias, outras criaturas, tão lindas e tão tentadoras quanto ela propria na mocidade. Fecundaram-na as lutas e as miserias, as vitorias e os esplendores. E tudo recommença para maior gloria do espirito.